

**A escrita dos não-lugares em *Naissance d'un pont* (2010) de Maylis de Kerangal, e
Eles eram muitos cavalos (2001) de Luiz Ruffato.**

François Weigel (UBP de Clermont-Ferrand / UERJ)

RESUMO: *Eles eram muitos cavalos* e *Naissance d'un pont* são dois romances contemporâneos que receberam vários prêmios e suscitaram numerosas reações críticas nos países de seus dois autores respectivos, o Brasil e a França. Apesar das diferenças óbvias entre esses dois romances, no que diz respeito ao estilo e aos enredos, são duas obras que, em vez de focar-se na situação de um ou dois protagonistas determinados, retratam, através de uma estrutura fragmentada, a diversidade e a pulsação da vida num espaço urbano em que o capitalismo tende a desagregar os laços humanos.

Nos parece que uma das razões do sucesso encontrado por *Naissance d'un pont* e *Eles eram muitos cavalos* é que eles apontam para algumas configurações espaciais típicas das sociedades capitalistas de hoje, e pelas implicâncias dessa reestruturação espacial sobre a sociabilidade. Sem pretender ilustrar nem teorizar, a escrita ficcional, alimentando-se de emoções e percepções subjetivas, poderia constituir um viés para iluminar esse fenômeno de reconfiguração espacial que Marc Augé designou com o qualificativo de “não-lugares”. Na era paradoxal das redes globalizadas, com a aceleração do tempo, assim como da circulação de bens e pessoas, as relações humanas são profundamente alteradas e marcadas pelo efêmero, pelo provisório e pela desagregação das mediações interpessoais. De que modo e com que estratégias literárias essas ficções jogam luz sobre a experiência do não-lugar? **PALAVRAS-CHAVES:** Não-lugar. Literatura contemporânea. Cidades

ARTIGO:

Nossa proposta, neste trabalho, consiste em analisar de que maneira os romances *Naissance d'un pont* e *Eles eram muitos cavalos* oferecem um olhar, por certo oblíquo mas nem por isso menos agudo, sobre a importância, nas sociedades urbanas, do que Marc Augé designou com o qualificativo de “não-lugares”. Em *Eles eram muitos cavalos* (2001) Luiz Ruffato lança mão de vários tipos de discursos, linguagens e recursos da ficção e da poesia para apresentar a cidade de São Paulo, da manhã até a madrugada do dia 9 de maio de 2000. Em *Naissance d'un pont* (2010), Maylis de Kerangal cruza os destinos de uma dezena de personagens, de classes sociais diferentes, para tecer o relato da construção de uma ponte gigantesca, numa cidade imaginária da Califórnia. Ambos os romances retratam, através de uma estrutura fragmentada, a diversidade e a pulsação da vida num espaço urbano em que o capitalismo tende a desagregar os laços humanos.¹

Em 1800, menos de 4% da população mundial era urbana. Em 1950, essa percentagem não atingia 30%. “Em 2007, a taxa de urbanização, ou seja a percentagem da população residindo nas cidades, atinge o patamar histórico de 50%”.² Apesar de ritmos e lógicas de urbanização diferentes segundo as áreas do planeta,³ o mundo inteiro passou por fenômenos similares, tais como a aceleração da circulação de bens e pessoas, a importância crescente de redes globalizadas em que se inserem metrópoles que concentram atividades financeiras, econômicas e culturais, assim como o aumento do fluxo de transportes. No plano literário, a cidade da modernidade, contemplada por Baudelaire ou Walter Benjamin, já era motivo de críticas por seus excessos, e no entanto conservava limites espaciais e humanos, incentivando os artistas a percorrerem suas ruas, decifrem seus signos, erguerem utopias. Mas o que dizer então da cidade da “supermodernidade”, para retomar os termos de Marc Augé? O que dizer das transformações decisivas engendradas pela multiplicação dos não-lugares, espaços que não criam “nem uma identidade singular, nem relações, mas solidão e similitude” (AUGÉ, 1992, p. 130)?⁴

¹ Para facilitar a leitura, ao citar esses romances, utilizaremos as siglas seguintes: *EECM* para *Eles eram muitos cavalos*, e *NDP* para *Naissance d'un pont*.

² « En 2007, le taux d'urbanisation, c'est-à-dire le pourcentage de population vivant dans les villes, atteint le seuil historique de 50% ». (PAULET, 2009, p. 5) As estatísticas também provêm do livro de Jean-Pierre Paulet, que se baseia sobretudo nos dados fornecidos pela ONU.

³ « Cette poussée urbaine est foncièrement différente par ses rythmes, ses facteurs, ses répercussions sociales et spatiales de la croissance des villes du Nord lors de la période d'industrialisation. Elle revêt des aspects de « fièvre » et bouleverse très rapidement les hiérarchies de l'urbanisation mondiale. » (TROIN, 2000, p. 6)

⁴ Tradução pessoal para todos os trechos citados. Nas passagens de *Naissance d'un pont*, resolvemos manter o texto original para respeitar a língua literária de Maylis de Kerangal.

Segundo o antropólogo francês, “é preciso reaprender a pensar o espaço.” (AUGÉ, 1992, p. 49). O papel da ficção, claro, não é demonstrar uma teoria ou refletir uma visão social, mas ela não deixa de articular-se com as estruturas sociais e pode constituir uma outra maneira de “pensar o espaço”, e em particular de pensar “os não-lugares. Num primeiro momento, a partir de exemplos tirados dos dois romances estudados, tentaremos esclarecer de maneira sucinta essa noção de não-lugar, tal como foi exposta pelo antropólogo. Logo aprofundaremos nossas leituras para ver de que modo essas ficções, com diversas tonalidades e estratégias literárias, jogam luz sobre a experiência contemporânea do “não-lugar”, “um componente essencial de toda existência social” (AUGÉ, 1999, p. 149)?

Antes de começar, apenas uma precisão: em nenhuma circunstância pretendemos qualificar essas obras de “romances do não-lugar”, e nelas negar qualquer caracterização de lugares com identidades territoriais bem definidas. A São Paulo de Ruffato tem traços despersonalizantes, indiferenciados com qualquer outra cidade global, mas ao mesmo tempo alguns personagens e situações são bem característicos de um certo universo brasileiro, local, específico. Da mesma forma, *Naissance d'un pont* aponta como uma tribo de indígenas ou as populações pobres na beira do rio lutam para preservar um sentimento comunitário e uma relação com o espaço marcado por uma memória coletiva. O lugar, pois, não está ausente da representação do espaço nessas obras – longe disso. Porém, elas revelam como uma certa lógica do não-lugar impera na configuração do espaço contemporâneo, e como este espaço é atravessado por múltiplas tensões e paradoxos entre lugares, no sentido antropológico do termo, e não-lugares.

Os não-lugares, “espaço da supermodernidade” (AUGÉ, p. 139)

John Johnson, chamado o Boa (o apelido já constitui todo um programa!), é o prefeito da cidade imaginária de Coca, em *Naissance d'un pont*. De certa forma, esse homem encarna um modelo de prefeito da “supermodernidade”. Parece até que ele leu atentamente Marc Augé, para apreender “as três figuras do excesso” que caracterizariam o mundo contemporâneo. Trata-se, em primeiro lugar, de “uma superabundância factual”, com uma aceleração constante do tempo e da história (AUGÉ, 1992, p. 43). Em segundo lugar, nossa época seria marcada por uma superabundância espacial, que não deixa de ser paradoxal, porque, enquanto que a globalização parece ter reduzido as medidas do globo, nossa conexão com outras áreas do planeta, de que recebemos imagens e informações, é muito maior (AUGÉ, 1992, p. 44-46). Por fim, o último excesso tem a ver com a hipertrofia do ego, a individualização das referências, o fato de que o “indivíduo pretende ser um mundo”. (AUGÉ, 1992, p. 51) Porém, John Jonhson

não é antropólogo: longe da posição de um observador com distanciamento crítico, ele é um homem de ação para o qual o tempo da supermodernidade é uma oportunidade de ganhar prestígio e dinheiro, fazendo de Coca uma “brand new city” (NDP, p. 37):

Désormais il administre le territoire par oukase (...), commandant une Internet City ici, une Media City là – labyrinthe de *malls* (...). Survolté, il s’adonne à la manipulation d’un meccano gigantesque (...), grisé par la gamme infinie de nouvelles possibilités formelles, par les *pôles* qu’il dessine, par les *zones* qu’il découpe, par les *nœuds d’activité* qu’il définit et positionne sur les plans. (NDP, p. 62-63)

Obcecado pelo novo, pela velocidade e facilidade de transporte, John Jonhson projeta uma cidade de “não-lugares”, espaços determinados “pela passagem, pelo provisório e pelo efêmero” (AUGÉ, 1992, p. 101), e o vocabulário que ele utiliza, destacado por uma grafia cursiva, o sublinha de maneira contundente (*malls*, *pôles*, *zones*, *nœuds d’activité*). Os aeroportos, os supermercados, os shoppings, as ocupações provisórias como os complexos hoteleiros ou os campos desmontáveis de trabalhadores ou refugiados, os meios de transporte que chegam a ser, em alguns casos, espaços habitados: eis alguns exemplos de não-lugares, fornecidos por Marc Augé (AUGÉ, 1992, p. 47-48; 100-101), e que encontramos regularmente, ao longo dos romances observados.

No fragmento 21 de *Eles eram muitos cavalos*, um narrador em terceira pessoa faz desfilar os pensamentos de um funcionário de uma grande empresa de São Paulo, sentado na frente de um computador, com tarefas burocráticas e num ambiente impessoal, entediante. Dia havia era assim, um desassossegoamento, (...) por tudo desinteresse, pessoa nenhuma, nem conversa, cavar um buraco, trancar-se” (EECM, p. 46). Sem vínculo com a multidão anônima das ruas e dos meios de transporte, o homem do fragmento 21 não parece ter nenhuma identidade e memória além dos dados que aparecem no seu RG.

andar, andar, entrincheirar-se atrás da poltrona de um ônibus, Paulistânea, PI, um nome, uma sigla, nada, lembrança nenhuma, (...), Piauí é meu corpo gripado (...) (EECM, p. 46)

Essa situação faz eco às palavras de Marc Augé, sobre o fato de que o indivíduo que frequenta os não-lugares contemporâneos somente é identificado, socializado e localizado a

partir do controle de identidade, da solicitação do código de banco, ou do número de cliente. (AUGÉ, 1992, p. 129)

Em *Eles eram muitos cavalos*, o trânsito, o fluxo, a circulação de pessoas e veículos é um moto contínuo, assim como a solidão, o isolamento de indivíduos perdidos nesse fluxo ininterrupto que caracteriza os não-lugares da Paulicéia desvairada. Sendo uma área do transitório e da passagem, um não-lugar atomiza as relações de coexistência. Essa é a pedra angular da distinção estabelecida por Marc Augé entre o “lugar antropológico” e o “não-lugar”. O “lugar antropológico” (que Augé caracteriza partindo de Marcel Mauss), “tem um sentido inscrito e simbólico” (AUGÉ, 1992, p. 104), e “pode se definir como identitário, relacional e histórico” (AUGÉ, 1992, p. 100). Ao contrário, “a frequência dos não-lugares é motivo de uma experiência, sem verdadeiro precedente histórico, de individualidade solitária” (AUGÉ, 1992, p. 147).

Por fim, é preciso evitar dois mal-entendidos comuns, duas afirmações errôneas que distorceram o conceito antropológico de não-lugar. Em primeiro lugar, se a supermodernidade é produtora de não-lugares, isso não significa que ela tenha apagado completamente o lugar e os fenômenos antropológicos a ele associados (os aspectos relacionados com a religião, o poder, as trocas, etc.). “O pensamento do lugar ainda nos habita” (AUGÉ, 1992, p. 142), acrescenta Marc Augé, observando em particular a expressão de particularismos locais ou comunitários – que aparecem nos dois romances quando são evocadas as culturas específicas da tribo de indígenas, em *Naissance d'un pont*, ou dos grupos de jovens de uma favela paulista, em *Eles eram muitos cavalos*. As duas lógicas, do lugar e do não-lugar, não são necessariamente excludentes; “são polaridades que se afugentam”, como o diria o antropólogo (AUGÉ, 1992, p. 101).

Da mesma forma, o não-lugar não é a síndrome de uma regressão, não dá conta do espaço numa conotação distópica. Nem com um valor positivo, tampouco com um valor negativo, ele é, simplesmente, um conceito que convida a identificar os paradoxos e as contradições de nossas sociedades, a repensar dimensões inéditas geradas por novas configurações espaciais. Assim, embora tenda a isolar o indivíduo e a aumentar a solidão, a experiência do não-lugar, “frente ao peso do lugar e da tradição” (AUGÉ, 1992, p. 147), pode ser vivida como uma forma incomum de liberdade, já que um indivíduo que penetra num não-lugar obtém um “direito ao anonimato” (AUGÉ, 1992, p. 129). Encontramos um exemplo característico dessa liberdade prazerosa com o personagem de *Naissance d'un pont*, Georges Diderot (cujo nome, em si, já remete à liberdade), uma figura fascinante, um engenheiro solitário que percorre o mundo inteiro sem criar nenhum laço sólido, mas resolutivo, firme,

aventureiro. Experimente-se uma espécie de “inocência” num não-lugar, pois nele um indivíduo “é unicamente o que ele faz ou o que ele vive como passageiro, cliente, motorista” (AUGÉ, 1992, p. 129).

Motorista de táxi, precisamente: essa é a profissão do personagem que toma a palavra no fragmento 41 de *Eles eram muitos cavalos*. Num longo monólogo, o motorista dirige-se ao seu cliente para contar sua vida, num tom coloquial, jovial e simpático. Apesar de uma vida cheia de obstáculos, o motorista não deixa de exclamar-se: “São Paulo, uma mãe para mim” (*EECM*, p. 85). Numa cidade em que cada um pode sentir-se sozinho numa luta cotidiana para a sobrevivência, o que ele narra são truques da vida para achar pequenos trabalhos (“para transformar a garagem na loja tive que deixar o carro na rua”, *EECM*, p. 87) e recriar formas de solidariedade (“A casa não é dele, é dos parentes: concunhados, cunhados, sogros, amigos, pais, irmãos... Todo fim de semana tem gente lá queimando uma carinha no churrasqueiro”, *EECM*, p. 85). Segundo Nelson H. Vieira (VIEIRA, 2007, p. 126), esse motorista conseguiu criar “modos inventivos de operar”, uma expressão que ele retoma de Michel de Certeau. Exatamente como Marc Augé, que faz também referência a Michel de Certeau para dar conta de “astúcias milenárias”, invenções do cotidiano” e “artes de fazer (DE CERTEAU, 1980), que são jeitos e estratégias elaborados a fim de contornar as dificuldades, reconstruir laços humanos onde os indivíduos pareciam condenados à solidão dos não-lugares da vida.⁵

Naissance d'un pont e Eles eram muitos cavalos: imersão na experiência do não-lugar

Ao longo da nossa caracterização da noção de não-lugar, já começamos a discernir a presença de elementos típicos da supermodernidade nas representações do espaço que os dois romances oferecem. Temos agora que explorar mais a fundo a singularidade dessas obras, escritas com sensibilidades diferentes, e observar de que maneira elas revelam, pelo avesso, isto é, pelo viés da ficção, diferentes aspectos e tipos de não-lugares.

- *Naissance d'un pont*

⁵ Um outro antropólogo, Michel Agier, retomou conceitos de Marc Augé e Michel de Certeau (AGIER, 1999, p. 17). Agier assinala que a proliferação de não-lugares criou verdadeiras “não-cidades”, sem mediação entre os indivíduos e as macroestruturas, sem escala local, sem costura entre o espaço e os percursos dos cidadãos (AGIER, 1999, p. 53). E da mesma forma, aponta para várias práticas singulares e inventivas dos cidadãos, “na ausência de instituições e de formas urbanas estabilizadas, em boa parte na margem dos grandes circuitos planetários” (AGIER, 1999, p. 8). Segundo ele, essas práticas esboçam “uma cidadania sem cidade, no dia a dia” (AGIER, 1999, p. 8), ou configuram “uma *cidade bis* – a outra cidade, esta que é formada pelas estratégias dos cidadãos, infra-urbanas, nas cavidades e margens da cidade das formas” (AGIER, 1999, p. 99)

O estilo de Maylis de Kerangal, em comparação com a escrita de Luiz Ruffato, é bem mais lírico, enfático, com uma caracterização de personagens extremos que vem acompanhada de notas de humor, e uma trama cheia de peripécias e reviravoltas, o que dá à narração um toque épico, como se fosse uma espécie de western californiano dos tempos modernos. Mas não se trata de uma história de banguê-banguê ou de uma busca pelo ouro, cheia de exaltação. O que esse romance propicia é uma aventura prosaica, a construção de uma ponte para facilitar o abastecimento em energia da cidade Coca, e o ideal desses aventureiros da era da supermodernidade, políticos movidos pelo interesse ou engenheiros friamente pragmáticos, não é mais do que erguer uma cidade de não-lugares onde frutífera o comércio, à imitação de Dubai.

La ville s’appréhende comme une fantasmagorie consumériste, un gigantesque ghetto pour milliardaires nomades et un modèle d’univers virtuel où perdre la tête : étrange combinaison d’hôtels au faste ostentatoire, de galeries marchandes à l’opulence inouïe (...), de parcs à thèmes extravagants (...) (NDP, p. 57)

Como vemos, o romance instaura o foco em não-lugares luxuosos, esses espaços que obedecem a padrões globais uniformizados, e encarnam a intensidade das trocas internacionais, dos fluxos de comunicação. Embora a narrativa dê um pouco mais de amplitude à figura de Georges Diderot, por ser o chefe das obras, não há propriamente personagens principais, e de certa forma é a construção da ponte de Coca que desempenha esse papel centralizador. Esboça-se então um vaivém entre vários personagens e situações narrativas, como num romance-folhetim ou numa telenovela que apresenta uma multiplicidade de episódios descontínuos. No deslocamento do foco narrativo, estabelecem-se contrastes e oposições.

Ao cotidiano confortável mas um tanto superficial e solitário dos engenheiros Diderot ou Sanche, que frequentam os mesmos não-lugares, aeroportos e “salas de seminário equipadas por todo tipo de Conference Call” (NDP, p. 211), opõe-se o cotidiano mais árduo e miserável de todos os trabalhadores que migraram até Coca para trabalhar no campo de obra e hospedar-se em complexos hoteleiros de segunda categoria, localizados numa dessas áreas comerciais sem nenhuma identidade nem sabor.⁶ No entanto, como a ficção o enfatiza regularmente, essas diferentes categorias de frequentadores de não-lugares partilham uma condição de passageiros

⁶ « Puis elles [les femmes du chantier] ont pris une piaule dans un des motels qui abondent sur Colfax, leurs enseignes rivales déroulant dans la nuit d’épais rubans rose fluo ou jaune d’or entre les K-Mart, les Safeways, les Trader Joe’s, les Wallgreen, les parkings de voitures d’occase e tous les hangars de fringues démarquées de la planète, tous les *outlets*. » (NDP, p. 32-33)

precários, na medida em que todos vivem numa situação transitória, sem vínculos familiares ou comunitários. A mediação que os une não é formada por um traço de identidade, mas passa por controles e números de identificação, como quando os operários penetram no campo de trabalho: “Tous gagnent les baraquements des ouvriers après avoir bipé leur sésame dans des horodateurs (...)” (*NDP*, p. 96)

Assim, essa grande galeria de personagens permite apresentar uma pluralidade de posturas e atitudes frente à aceleração do tempo e à lógica espacial do não-lugar. O romance de Maylis de Kerangal faz constantemente alusão a um embate entre várias temporalidades, entre o antigo e o novo, o universal e o local, pois através da construção das infraestruturas projetadas pelo prefeito de Coca, é um passado não tão distante, marcado por uma relação diferente com o espaço, que de repente parece afastar-se.

Les tours sortaient de l’eau et les habitants oscillaient, paumés sans plus de repères, et nombreux étaient ceux qui se mettaient d’urgence à raconter des anecdotes (...) pour y faire surgir des parcours perdus, les langues se déliaient, c’étaient des lieux de rendez-vous qui n’existaient plus, des temps de trajet raccourcis (...). (*NDP*, p. 243)

Os indígenas que estão morando na frente de Coca, do outro lado do rio, mantêm ainda uma vida em comunidade, com laços de identidade bem diferentes dos códigos que regem a lógica do não-lugar; Jacob, um antropólogo, encarnando uma forma de resistência contra essa lógica que desidentifica os indivíduos, incentiva os indígenas a seguir firmes na luta pela preservação de um “lugar” que associa território e identidade.

Il avait sa théorie : former les Indiens à être leurs propres archéologues pour qu’ils puissent se réapproprier leurs tombes – disséminées par milliers (...) sous les parkings des supermarchés, le long des autoroutes, dans les fondations des buildings – et renommer leur territoire (...) (*NDP*, p. 112)

É o mesmo problema que enfrentam os moradores cujas habitações, umas barracas vetustas de madeira, foram expropriadas para a construção da ponte: embora a prefeitura tenha proposto “residências novas e funcionais” (*NDP*, p. 104), eles lançam um movimento de protesto, mantendo-se arraigados a um lugar onde criaram laços fortes de vizinhança e onde o presente se construía no solo de uma memória, um passado em comum. No entanto, a luta dos

moradores parece muito desigual frente aos projetos dos grandes empreendedores, e o romance ilustra muito bem o fato de que, numa era em que “a atualidade e a urgência reinam” (AUGÉ, 1992, p. 130), “a supermodernidade faz do antigo (da história) um espetáculo específico – como o faz com todos os exotismos e todos os particularismos locais” (AUGÉ, 1992, p. 138). Na era da supermodernidade os lugares antigos são repertoriados, classificados e promovidos como ‘lugares de memória’, ocupando doravante “um espaço restrito e específico” (AUGÉ, 1992, p. 100). Uma intuição que o romance, sem teor teórico mas com toda a potência imaginativa da ficção, e muita ironia, ilumina perfeitamente:

Puisque, chose étrange, plus la ville se modernise et plus on mise sur les clichés du passé pour appâter le chaland – autrement dit, moins il y a de chevaux et plus il y a de rodéos, et encore, dans des corrals ripolinés, hérissés de publicités géantes, et alors on paye son ticket. (NDP, p. 190)

- *Eles eram muitos cavalos*

Em *Naissance d'un pont*, mesmo que o romance seja segmentado em várias histórias, elas entrecruzam-se. Em *Eles eram muitos cavalos*, os personagens nunca reaparecem nos fragmentos heterogêneos que compõem o romance. O narrador não é fixo, são na verdade múltiplas vozes e vários tipos de enunciação que se sucedem. Quanto aos “cavalos” que o romance faz comparecer, são inúmeros desconhecidos, marginais ou pessoas que vivem simplesmente no anônimo das grandes cidades, tudo isso através de uma multiplicidade de micro-histórias e de textos de todos os tipos, tais como cartas, boletins meteorológicos ou astrológicos, listas de livros ou de empregos, sermões ou cardápios. Não há uma combinação que funde as histórias, senão o fato de que constituem cenas de um dia inteiro na cidade de São Paulo. Esse o fio frágil que tece o romance: a cidade e sua heterogeneidade, expressa através de uma acumulação de instantes e vozes. Como bem o assinalou Andrea Saad Hosne, “é a própria degradação urbana que se constrói diante do leitor” (SAAD HOSNE, 2007, p.36) pois o amontoamento de fragmentos mimetiza o caos da cidade, o acúmulo de vidas solitárias, a concentração de pessoas e de signos urbanos, assim como os fluxos que caracterizam os não-lugares das metrópoles mundiais.

De fragmento em fragmento, de um bairro de São Paulo a outro, são várias imagens e percepções da cidade que surgem num movimento perpétuo, de forma que o crítico Renato Gomes Cordeiro lançou o termo de “histórias mobiles” (GOMES CORDEIRO, 2007, p. 138). Como se o leitor percorresse a cidade de carro, vendo desfilar, num fragmento, os

“trombadinhas, engraxates, (...), vagabundos, espalhadas caídos arrastando-se bêbados mendigos meninos drogados aleijados” (*EECM*, p. 38); logo uma “correria de gente automóveis buzinas a fumaça o barulho” (*EECM*, p. 46); por fim, de novo, num outro fragmento, os “mendigos bêbados acobertam-se em caixas de papelão” (*EECM*, p. 124). Não é à toa, aliás, que várias cenas do romance acontecem quando os personagens estão no carro, devorando o asfalto a toda velocidade, ou parados no trânsito.

A acumulação não é só um princípio estrutural de *Eles eram muitos cavalos*, mas também um procedimento de escrita recorrente. De fato, em muitos fragmentos aparecem sequências de substantivos que se aglutinam sem conectores lógicos nem sintagmas verbais, o que cria uma forma de eficiência semântica, à revelia da sintaxe. Essas justaposições de palavras, essas construções elípticas na ausência de articulações sintáticas ou até da própria pontuação, constituem, mais uma vez, maneiras expressivas de dar conta do movimento, do fluxo, correspondendo com a simultaneidade de sensações e imagens que caracteriza a percepção dos indivíduos nos não-lugares urbanos, como isso acontece no fragmento 22. Nele, uma jovem de 18 anos passeia nas ruas do centro, captando os múltiplos sons e barulhos da rua.

(...) e se fundem dó-ré-mi-fá-sol-lá-sis se confundem na encruzilhada das Ruas Conselheiro Crispiniano com a Vinte e Quatro de Maio, despertada a fome, motocicletas longa fila muletas, ônibus enfileiram gentes no Largo do Paissandu, pensa comer, (...) vermelho o farol, atravessa a faixa empurrando sombras (...) (*EECM*, p. 48)

Logo, essa menina pensa com repulsão ao contato físico com os passageiros anônimos que tomam quotidianamente o mesmo trem que ela – “esquecer os suores excitados do trem medonho encaixados na sua bunda abraçados em seus peitos” (p. 48). Ao exemplo deste trecho, a narrativa obriga constantemente o leitor a observar detalhes prosaicos, que muitas vezes não enxergamos – ou não queremos perceber – em nossas passagens cotidianas dos não-lugares urbanos. De maneira geral, os fragmentos evidenciam não-lugares escuros e pobres e o romance concentra-se na parte desumana, o mundo-cão da metrópole. Aqui e ali parecem algumas modalidades de não-lugares mais luxuosas, ou relacionadas com o comércio. No entanto, quase sempre, as alusões a esse tipo de espaços enfatizam ainda mais a temática das injustiças e da exclusão.

Apenas mencionaremos aqui dois exemplos. No fragmento 39, uma menina de origem humilde qualifica sua irmã de “metida” e pensa nela com desprezo só porque trabalha, “lindíssima” e “toda pintada”, no Shopping Aricanduva, além de ter um “namorado trainee”

(EECM, p. 79). A irmã, que nem chega a ser cliente do shopping, entrou assim numa esfera social que talvez não seja muito mais favorecida, mas que, para a menina, aparece como longínqua e inacessível. No fragmento 26, “um negro franzino”, com roupas sujas e aparência de vagabundo, é acusado injustamente de roubo pelo segurança, antes de ser mandado para a polícia pelo gerente, cujas palavras descaradas revelam cruamente uma forma de segregação preconceituosa: “Olha, cara, se tem uma coisa que eu conheço é malandro... vagabundo... Conheço pelo cheiro” (EECM, p. 56).

Marc Augé, como vimos, insiste no fato de que o espaço do não-lugar propicia uma forma de “inocência” e libera o indivíduo que penetra nele de suas determinações habituais” (AUGÉ, 1992, p. 129), de natureza sociais, familiares ou relacionadas com um grupo cultural. No entanto, antes de beneficiar dessa inocência e de deslocar-se no anonimato, é preciso ser aceito como cliente, passageiro ou frequentador de um não-lugar voltado para o comércio ou caracterizado por um certo luxo... Para ser mais explícito, um indivíduo muito pobre pode ser rejeitado (ou, como a menina do fragmento 39, pode sentir, com razão ou não, que é mal visto e marginalizado), quando entra num shopping luxuoso. Nesse caso, as “determinações habituais”, às quais Marc Augé refere-se, ainda têm muito peso.

Isso nos remete ao pensamento de outro antropólogo, Roberto DaMatta, e a sua análise sobre as tensões crescentes, nas sociedades urbanas e em particular no Brasil, entre dois domínios sociais básicos, a *casa* e a *rua* (DAMATTA, 1997). Na “rua”, os pressupostos igualitários deveriam predominar e garantir a noção de “indivíduos” perante a lei, em vez das relações entre “pessoas” que operam na “casa”, fortemente hierarquizadas em função de laços de parentesco, vizinhança, classe, ou de afinidades por motivos religiosos e profissionais.⁷ Ora, no romance de Luiz Ruffato, o gerente do supermercado nega ao negro franzino o estatuto de indivíduo num pé de igualdade com todos os outros clientes, e o trata a partir de critérios pessoais, como alguém que não pertence ao seu mundo, numa perpetuação dos antagonismos entre casa-grande e senzala, sobrado e mucambo.

A lógica interpessoal ainda impera de maneira forte e compartimenta o universo social. No entanto, a vida nas grandes cidades, com a divisão do trabalho e as regras cívicas estabelecidas, é “o teatro de uma civilização suprapessoal”, como já o assinalava Georg Simmel no início do século XX. Numa época em que proliferam os não-lugares, as relações humanas são ainda mais fortemente marcadas pela desagregação das mediações interpessoais. Os

⁷ “É como se tivéssemos duas bases através das quais pensássemos o nosso sistema. (...) A pessoa merece solidariedade e um tratamento diferencial. O indivíduo, ao contrário, é o sujeito da lei, foco abstrato para quem as regras e a repressão foram feitos.” (DAMATTA, 1997, p. 169)

frequentadores e usuários de tais lugares podem cruzar-se inúmeras vezes sem criar nenhum laço, e sem sequer ter uma só conversa. Nessa ótica, haveria um relato mais emblemático do que o fragmento 20 de *Eles eram muitos cavalos*? Nele, um narrador imagina com vários detalhes a amizade que ele poderia ter construído com uma pessoa que morava no mesmo condomínio, e que morreu abruptamente, vítima de “um sequestro-relâmpago”:

Mas nós não nos conhecíamos. Nos vimos algumas vezes no elevador de serviço, a caminho da garagem do prédio, uma ou outra vez na piscina, ele lendo a Veja, eu nadando com a Joana e o Afonsinho. (EECM, p. 43)

Nesse fragmento, o mais chocante talvez nem seja a violência da metrópole e a fragilidade da vida, mas o valor implícito do condicional no título do fragmento, “Nós poderíamos ter sido grandes amigos”: até numa área de residência, não há mais relação interpessoal, e sim, desencontros entre indivíduos, usuários da garagem e frequentadores da piscina...

Como o escreve o filósofo Jean-Luc Nancy, “temos que saber ler nas entranhas da cidade sacrificada” (In GUIHEUX, 2004, p. 141), essa cidade contemporânea saturada de não-lugares, “tecido informe determinado por malhas, zonas ilhadas que juntam-se via canais, meandros e sinais, cujo conjunto é imperfeitamente qualificado pelos nomes de cidades ou bairros” (in GUIHEUX, 2004, p.139). Com *Eles eram muitos cavalos*, e *Naissance d'un pont*, estamos em presença de duas obras nas quais a escrita ficcional, alimentando-se de emoções e percepções subjetivas, aponta para alguns não-lugares, configurações espaciais típicas das sociedades capitalistas de hoje, e para as implicações dessa reestruturação espacial sobre a sociabilidade, o modo de viver e de relacionar-se. Graças a uma pluralidade de personagens e focos narrativos, eles não propõem uma visão estática da realidade. Alguns personagens, tais como o motorista de *Eles eram muitos cavalos*, ou como a engenheira de *Naissance d'un pont* que atua em favor dos indígenas e do meio-ambiente em torno da ponte, podem até reinventar o cotidiano, recriar relações e identidade no meio da impessoalidade dos não-lugares. “O não-lugar nunca existe sob uma forma pura; lugares recompõem-se nele; relações reconstituem-se nele” (AUGÉ, 1992, p. 100). A forma literária, em definitiva, ilumina um espaço múltiplo, apreendido de diversas formas pelos personagens.

Maylis de Kerangal, *Naissance d'un pont*, Paris, Verticales, 2010

Luiz Ruffato, *Eles eram muitos cavalos*, Rio de Janeiro, BestBolso, 2012 (2001)

Michel Agier, *L'invention de la ville. Banlieues, townships, invasions et favelas*, Paris, Edition des archives contemporaines, 1999

Michel de Certeau, *L'invention du quotidien, tome 1 : Arts de faire, tome 2 : Habiter, cuisiner*, Paris, Gallimard, 1990 (1980)

Roberto DaMatta, *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro, Rocco, 1997 (1979)

Renato Gomes Cordeiro, « Móbiles urbanos: eles eram muitos... », in Marguerite Itamar Harrison, (organizadora), *Uma cidade em camadas. Ensaio sobre o romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato*, São Paulo, Horizonte, 2007

Jean-Luc Nancy, « Images de la ville », Alain Guiheux (organisateur), *La ville qui fait signes*, Paris, Edition du Moniteur, 2004, p. 136-141

Jean-Pierre Paulet, *Géographie urbaine*, Paris, Armand Colin, 2009

Andrea Saad Hosne, “Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato”, in Marguerite Itamar Harrison, *Op. cit.*, 2007

Jean-François Troin, *Les métropoles des « Sud »*, Paris, Ellipses, Carrefours de géographie, 2000

Nelson H. Vieira, « O desafio do urbanismo diferencial no romance de Luiz Ruffato ; Entre práxis e vivência social », in Marguerite Itamar Harrison, *Op. cit.*, 2007